

# ÉPICO DE GILGAMEŠ

versão Babilónia Padrão

*tradução, introdução e notas*

Francisco Luís Parreira

ASSÍRIO & ALVIM

# TÁBUAS I A XII



## T Á B U A I

*šá naqba imuru: aquele que testemunhou o abismo*

Colofone: [dub1.kam *šá naq-ba i-mu-ru i*]š-di ma-a-ti  
[KUR <sup>m</sup>an.šár-dù-a šár<sub>4</sub> šú šár<sub>4</sub> an.šár<sup>hi</sup> *šá ana an.šár u*] <sup>(d)</sup>nin-lil tak-lu  
[nir.gál.zu nu téš šár dingir<sup>mes</sup>] an.šár

[Tábua 1. *Aquele que testemunhou o Abismo, as*] fundações da terra  
[Palácio de Aššurbanipal, rei do mundo, rei da Assíria, que] se confia a Aššur e Ninlil  
[Possa aquele que a ti se confia não cair no opróbrio], ó Aššur, [rei dos deuses]

Aquele que testemunhou o abismo, as fundações da terra,  
experiente de caminhos, em tudo era sábio!  
Gilgameš, que testemunhou o abismo, as fundações da terra,  
experiente de caminhos, em tudo era sábio!  
Aonde estavam os poderes, foi averiguá-los,<sup>1</sup>  
de cada coisa extraiu um ápice de sabedoria.  
O que era secreto encarou, o oculto trouxe à luz:  
resgatou a memória de antes do Dilúvio.  
Extenuado, mas em paz, fez o caminho que não tem fim  
e na pedra exarou os seus trabalhos.  
Ergueu a muralha de Uruk, a do redil,  
e a do sagrado Eanna, puro tesouro.<sup>2</sup>  
Sobe a esta muralha: é como lá entrançada;<sup>3</sup>  
adverte o parapeito, ninguém poderá imitá-lo;  
percorre a escadaria, que é de eras remotas,  
e aproxima-te do Eanna, casa de Ištar:  
rei ou homem algum poderão jamais imitá-la.  
Sobe à muralha de Uruk e vai em torno,  
considera a inscrição,<sup>4</sup> examina a alvenaria:  
não foram os tijolos cozidos nas labaredas do forno,  
as fundações, não as lançaram os Sete Sábios?  
[Um *sar*,<sup>5</sup>] cidade, [um *sar*,] palmeirais, [um *sar*,] poços de argila,  
meio *sar*, o templo de Ištar: [três *sar*] e meio, [eis] Uruk na sua extensão.

[Eis] o cofre de cedro que alberga as tábuas:  
faz deslizar o seu fecho de bronze!  
Ergue a tampa que as encerra,  
retira a tábua de lápis-lazúli e recita  
as provações, tudo por que passou Gilgameš.  
Supremo entre os reis, soberbo de estatura,<sup>6</sup>  
bravo nativo de Uruk, touro branco enristado!  
Marchando na dianteira, era ele o chefe,  
ou, seguindo na retaguarda, arrimo dos camaradas!  
Baluarte poderoso, protecção das suas tropas,  
violento caudal que desbarata a muralha de pedra.  
Touro selvagem de Lugalbanda, Gilgameš, fero esplendor,  
aleitado pela vaca venerada, Ninsunanna, a Vaca Bravia!  
Gilgameš, o possante, magnífico, sumptuoso,  
que nas montanhas abriu passagens  
e escavou poços nos flancos das colinas,  
que o oceano sulcou, o vasto mar, até à aurora,  
e as partes do mundo esgotou em busca da vida;  
que, porfiando, alcançou Uta-napišti, o Longínquo,  
o qual restaurou os altares derrubados pelo Dilúvio  
e instituiu os ritos conformes ao povo inúmero.<sup>7</sup>  
Quem de entre reis se lhe compara em esplendor  
e poderá dizer, como ele o fez: «Sou eu o rei?»<sup>8</sup>  
Gilgameš, cujo nome foi pronunciado no dia em que nasceu,<sup>9</sup>  
dois terços deus e um terço homem:  
Belet-ili esboçou a forma do seu corpo,  
Nudimmud trouxe essa forma à perfeição.  
Pujante de vigor e majestade radiosa,  
a onze cúbitos lhe orçava a formosa estatura,  
a quatro cúbitos o peito em largura,  
a seis, o arco dos amplos ombros.  
Dos dedos na mão, media o primeiro metade de um cúbito,  
três cúbitos o pé, e uma vara a perna;<sup>10</sup>  
seis cúbitos abarcava a sua passada,  
[.....] cúbitos a [.....] da cara.

Esplendiam os seus dentes como o sol ao despontar,  
 a barba luzia-lhe no rosto como o lápis-lazúli;<sup>11</sup>  
 rijos como [a cevada] eram os anéis do cabelo.  
 Ao fazer-se adulto, a sua harmonia consumou-se,  
 fez-se, pelos padrões da Terra, muito belo.  
 Em Uruk, a do redil, ele vai e vem,  
 dominante como um touro bravo, cabeça erguida;  
 quando as armas são brandidas, não tem rival,  
 o desafio do seu punho paralisa os companheiros.  
 Aos jovens de Uruk atormenta injustamente:  
 Gilgameš não deixa que o filho se reúna livremente ao pai.  
 Dia e noite se acrescenta a arrogância  
 de Gilgameš — [e comanda ele a gente apinhada,]  
 e é ele o pastor de Uruk amuralhada!  
 Não consente, porém, que a filha se reúna livremente à mãe:  
 é dela o cobridor, e ela dele a mansa rês.  
 A Ištar chegava a queixa incessante:<sup>12</sup>  
 «[Embora] proeminente, subtil, formidável [.....]  
 não permite Gilgameš que a jovem se una ao prometido.»  
 Da filha do guerreiro, da prometida do mancebo,  
 continuamente escutava a deusa o lamento.  
 Os deuses do céu, senhores da *iniciativa*,  
 [a Anu foram dizer .....]:  
 «Em Uruk, a do redil, criaste um touro feroz e bravio  
*que* é sem igual quando as armas são brandidas.  
 Ao som do tambor faz acorrer os companheiros,  
 continuamente atormenta os jovens de Uruk:  
 não permite Gilgameš que o filho se reúna livremente ao pai,  
 dia e noite se acrescentam os rigores da sua tirania.  
 Porém, do redil de Uruk é ele o pastor —  
 é Gilgameš quem comanda a gente numerosa.  
 Embora seja dela o pastor e *protector* [.....],  
 e único, formidável, subtil e *soberbo*,  
 interpõe-se Gilgameš entre a jovem e o seu prometido.»  
 À esposa do guerreiro, à noiva do mancebo,

atendeu Anu, escutando as queixas:  
«Invocai Aruru, a soberba:  
ela a fez, à humanidade abundante;  
[faça agora o par de Gilgameš], pujante como ele:  
que na peleja de ambos possa Uruk serenar.»  
Aruru, a soberba, foi então invocada:  
«Tu, ó Aruru, que fizeste [o homem],  
dá forma agora à ideia de Anu!  
Possa ele medir-se ao de coração tempestuoso,  
e na peleja de ambos venha Uruk a serenar.»  
Quando a deusa Aruru ouviu estas palavras,  
moldou no seu coração a ideia de Anu.  
Lavou as mãos a deusa Aruru, tomou depois  
uma parte de argila e lançou-a às desolações.  
Assim nas estepes criou o audaz Enkidu,  
o rebento do silêncio, por Ninurta urdido.<sup>13</sup>  
O corpo tapizado de pelagem,  
a cabeleira fluente como a de uma mulher,  
os anéis do cabelo rijos como a cevada —<sup>14</sup>  
não conhece estirpes, não sabe de países;  
hirsuto como o deus dos animais,<sup>15</sup>  
alimenta-se no pasto entre as gazelas;  
junto à nascente, no estrupido da manada,  
ou na água, entre o tropel, exulta.  
Um caçador, um pisteiro,  
junto à nascente encarou com ele.  
Um dia, e o segundo, e o terceiro, junto à aguada encarou com ele.  
Encarou-o o caçador, o rosto petrificado,  
a Enkidu com a manada, e tornou a casa.  
Perturbou-se o caçador, andou mudo, andou transido,  
o ânimo [turvo], o rosto tribulado:  
um dissabor invadira-lhe o coração  
e o seu rosto era como [o de quem  
vem] de fazer o caminho sem fim.

O caçador abriu a boca para falar, dizendo a seu [pai]:<sup>16</sup>

«Pai, [há] uma criatura que vem rondar a nascente.

O vigor que ostenta é sem par nestas terras,

a sua força é como [a da rocha] que cai do céu.<sup>17</sup>

[Vagueia] pelas colinas todo o dia,

[sempre] com a manada, no pasto se apascenta.

[Sempre] à beira da nascente as suas pegadas se renovam.

[Mete medo — por isso] não me aproximo.

[Atulhou] as luras que escavei,

desgarrou as armadilhas que armei,

esquivou do meu poder a manada, os animais da estepe,

o trabalho da estepe não deixa que o cumpra.

[O pai abriu a boca para falar,] dizendo ao caçador:

«[Meu filho,] *procura* Gilgameš *na cidade de Uruk,*

*faz-te levar* à sua presença,

a sua força é como [a da rocha que cai do céu.]

[Toma a estrada,] volta o rosto [para Uruk,]

*descreve-lhe a força desse* homem!

[Vai,] traz [contigo Šamhat, a rameira]

*cujos sortilégios vencem o mais poderoso!*

[Quando a manada acudir,] junto [à] nascente,

[rasgue ela as vestes, faça saber] os seus encantos.

[De puro observar,] ele a procurará;

enjeitá-lo-á a manada, [embora lhe haja sido regaço].»

Seguindo o conselho do seu pai [.....,]

saiu o caçador, *deu pressa à jornada.*

Tomou a estrada, [voltou o rosto] para Uruk,

*perante* o Rei Gilgameš *disse estas palavras:*

«Há uma criatura que [vem rondar a nascente.]

O vigor que ostenta é sem par nestas terras,

a sua força é como [a da rocha] que cai do céu.

Pelas colinas deambula [todo o dia].

Sempre com a manada, [sustenta-se de forragem].

[Sempre] à beira da nascente [se renovam] as suas pegadas.



Metete medo — por isso não me aproximo.  
Atulhou as luras que escavei,  
desgarrou as armadilhas [que armei,  
esquivou do meu poder a manada, os animais [da] estepe,  
o trabalho da estepe não deixa que o cumpra.»  
E disse Gilgameš, a ele, ao caçador:<sup>18</sup>  
«Vai, ó caçador, e leva Šamhat, a rameira.  
Quando à nascente acuda a manada,  
rasgue ela as vestes, exiba os seus encantos.  
De puro observar, ele procurá-la-á;  
enjeitá-lo-á a manada, embora haja nela medrado.»  
Largaram o caçador e Šamhat, a rameira,  
puseram-se a caminho, deram pressa à jornada.  
Ao terceiro dia, no local aprazado,  
caçador e rameira sentaram-se à espera.  
Um dia, e outro dia, junto à nascente se sentaram,  
e por fim à nascente veio beber a manada.  
Vieram os animais saciar-se na água  
e, entre eles, Enkidu, nascido nas desolações,  
alimentado no pasto, em meio às gazelas,  
tropeando junto à nascente com a manada  
ou, na água, entre o estrupido, exultando.  
Viu-o então Šamhat, ao filho da natureza,<sup>19</sup>  
a celerada criatura das profundas da estepe.  
«Ei-lo ali, Šamhat! Revela os seios,  
desnuda o sexo, para que ele saiba os teus encantos!  
Não te mostres esquiva, aspira o seu odor!  
De puro observar-te, ele te procurará.  
Aparta as tuas vestes para que se deite sobre ti,  
devota ao selvagem os tratos da mulher.  
Há-de o seu ardor abraçar-te e possuir-te,  
repulsará a manada, embora haja nela medrado.»  
Desenlaçou Šamhat as vestes das ancas,  
desnudou o sexo, fez saber os seus encantos.  
Não se mostrou esquiva, aspirou o seu odor,

apartou as vestes e sobre si o recebeu;  
devotou ao selvagem os tratos da mulher:  
neles consumiu a criatura o seu abraço e ardor.  
Seis dias e sete noites,<sup>20</sup> ardido, levou  
Enkidu a copular com Šamhat.  
Dos sortilégios dela por fim saciado,  
quis então reunir-se à manada.  
As gazelas fitaram-no, fitaram Enkidu, começaram a correr,  
e dele recuaram as bestas do ermo.  
Perdia-se de Enkidu o seu corpo tão puro,  
as pernas tolhidas, e a manada que dispersava!

Prostrado, não podia Enkidu correr como antes,  
mas agora tinha em si o espírito, era largo de discernimento.  
Tornou atrás, sentou-se aos pés da rameira,  
observou a rameira, examinou-lhe as feições,  
e às palavras da rameira prestou atenção,  
[pois Šamhat] lhe disse, a ele, Enkidu:  
«És belo, Enkidu, semelhante a um deus!  
Por que razão, entre animais, fatigas as desolações?  
Vem, conduzir-te-ei a Uruk, a do redil,  
à sagrada Eanna, casa de Anu e de Ištar,  
onde Gilgameš, acabado em vigor,  
como um touro selvagem reina sobre as gentes.»  
Assim falou ela, e a sua palavra foi obsequiada:  
o coração dele anelou um amigo.  
Disse Enkidu, a ela, à rameira:  
«Irei, Šamhat, leva-me contigo  
à sagrada Eanna, casa de Anu e de Ištar,  
onde Gilgameš, acabado em vigor,  
como um touro selvagem reina sobre as gentes!  
Desafiá-lo-ei, eu mesmo, ousadamente,  
e em Uruk prezar-me-ei: “sou eu o mais poderoso!”  
*Cabe às minhas mãos* o urdir das coisas,  
mais forte é quem nasceu nos ermos.»  
«Possam [*as gentes*] conhecer-te o rosto,

[..... que] existe, bem o sei.  
Vem, Enkidu, a Uruk, a do redil,  
onde os jovens se adornam com cinturões,  
e todos os dias [.....] são dias festivos  
e os tambores são percutidos sem cessar;  
onde há cortesãs de graciosa figura,  
férteis de graças, plenas de alegria:  
até os grandes atraem aos seus leitos!  
A ti, Enkidu, [ainda tão] imaturo de vida,  
darei a conhecer Gilgameš, o feliz e consumado:  
fita-o bem, observa-lhe as feições!  
Viril na lealdade, digno no porte,  
em tudo o que é, cumulado de dons.  
A ousadia dele é superior à tua,  
noite e dia, não conhece repouso.  
Oh, Enkidu, afasta os pensamentos sobranceiros:  
Gilgameš é o amado do divino Šamaš.  
Anu, Enlil e Ea dilataram-no em sabedoria.  
Antes ainda de nasceres das desolações,  
Gilgameš em Uruk antevia-te em sonhos.  
Para contar um sonho, acorreu Gilgameš a sua mãe:  
“Ó mãe, vi um sonho nesta minha noite:<sup>21</sup>  
as estrelas do céu sobrepujavam a minha cabeça,  
como rocha do céu, uma caiu na minha direcção.  
Quis erguê-la, era muito pesada,  
quis movê-la, nem sequer oscilou.  
A terra de Uruk, ali de pé, à sua volta,  
estava a terra reunida em seu redor.  
A multidão apinhou-se junto dela,  
os guerreiros aglomerados em redor.  
Como a um bebé de colo, beijavam-lhe os pés,  
mas, tal a uma esposa, amei-a eu, acariciei, abracei.  
Ergui-a então para depô-la a teus pés  
e tu — tu fizeste dela o meu par.”  
A mãe de Gilgameš era sábia, era subtil,

em tudo versada, disse ao seu filho —  
era sábia Ninsun, a Vaca Bravia, e subtil,  
em tudo versada, disse ao seu filho:  
“As estrelas do céu sobrepujavam a tua cabeça,  
como rocha do céu, uma caiu na tua direcção.  
Quiseste levantá-la, era muito pesada,  
quiseste movê-la, nem sequer oscilou.  
Ergueste-a então para depô-la a meus pés  
e eu, Ninsun, fiz dela o teu par.  
Tal a uma esposa, amaste-a, acariciaste, abraçaste:  
um amigo possante virá até ti, para ser amparo do amigo;  
poderoso entre os demais, pleno de vigor,  
a sua força é como a rocha que cai do céu.  
Tal a uma esposa, hás-de amá-lo, acariciá-lo, abraçá-lo,  
e o seu poder, muitas vezes, ser-te-á salvação.  
Favorável e precioso é, pois, o teu sonho!”  
E viu ele um segundo sonho  
e acudiu à deusa, sua mãe;  
e disse Gilgameš, a ela, sua mãe:  
“Segunda vez, ó mãe, se deu a ver um sonho.  
No adro da câmara nupcial,<sup>22</sup>  
jazia um machado, e as gentes em torno.  
Estava a terra de Uruk ali apinhada  
[o país] reunido em redor,  
a multidão que em torno se atropelava,  
ajuntados em redor todos os varões.  
Fui eu erguer o machado para depô-lo a teus pés,  
como a uma mulher [o amei,] acariciei, abracei,  
[e tu, mãe,] fizeste dele o meu par.”  
A mãe de Gilgameš era sábia, era subtil,  
em tudo versada, disse a seu filho —  
Ninsun, a Vaca Bravia, era sábia e subtil,  
em tudo versada, disse a seu filho:  
“Meu filho, o machado que viste é um homem,  
como a uma esposa, hás-de amá-lo, acariciá-lo, abraçá-lo,

e eu, Ninsun, farei dele o teu par.

Um amigo virá até ti, que amparo será do amigo;  
poderoso entre os demais, pleno de vigor,  
é a sua força como a rocha que cai do céu.”

E disse-lhe Gilgameš, a ela, sua mãe:

“Ó mãe, possa a providência de Enlil  
trazer um conselheiro ao meu caminho!

Um guia terei, um amigo que me aconselhe,  
um amigo, um mentor obterei !”»

Assim deu a ver Šamhat a Enkidu  
os sonhos dele, os sonhos de Gilgameš.<sup>23</sup>  
Começaram depois a copular.

- 1 Só com a edição de *Ugar 1*, em 2007, foram finalmente suplementadas as lacunas nas linhas iniciais do poema ainda presentes na edição crítica, respectivamente o primeiro hemistíquio das linhas 2 e 4 e toda a linha 5. A Tábua I beneficia de suplementação adicional de *Ugar 1*, assinalada *ad loc.*
- 2 i.e., ergueu duas muralhas, e não a muralha única de Uruk e Eanna lida por George (2003: 539). Não se vê, com efeito, de que modo poderia o leitor, segundo lhe é proposto, aproximar-se do Eanna, templo no centro da cidade, subindo à muralha exterior: o testemunho arqueológico e os planos publicados da cidade de Uruk parecem amplamente dissuasores desta hipótese. Nesta opção, seguimos *inter allia* Maul (2005); v. também Nurullin (2012: 189-193).
- 3 Interpretação de George contestada *inter allia* por Nurullin (2012: 194-5), que reitera a leitura tradicional: «... que é como o bronze resplandecente».
- 4 O leitor é convidado a considerar o *temmennu*, a «pedra fundamental» ou «primeira» da edificação. Por outras palavras, se o leitor procurar a inscrição na base da muralha, ficará a saber que as fundações foram lançadas pelos Sete Sábios (cf. Wiseman: 157).
- 5 *Sar*: medida equivalente a pouco menos de quatro quilómetros.
- 6 O *incipit* por que era conhecida a versão AB representada por *Penn* e *Yale*: *šūtur eli šarrī*... O compilador, por conseguinte, terminou aqui o mais meditativo prólogo da sua autoria e passa a incorporar o material tradicional, ele próprio dotado do segundo e mais heróico prólogo que aqui se inicia.
- 7 i.e., a humanidade.
- 8 A série epítética que aqui termina tem correspondência no discurso das inscrições reais babilónicas e assírias que, pela atribuição de altos feitos aos monarcas, costuma alinhar de bom grado pelo visado do mito. Como exemplo, eis o *incipit* dos anais de Sargão II da Assíria (721-705), inscrito na sala II. ii do palácio de Khorsabad antiga Dur-šarrukin (cf. Fuchs: 1994):
- «(4) Rei que, desde o seu primeiro dia *soberano*, não achou príncipe capaz de com ele ombrear, nem em batalha nem em combate, e que destróçou como se fossem ânforas os inimigos de todas as partes.
- (5) Ele pôs a corda no nariz dos rebeldes dos quatro rios. Nas montanhas distantes, de difícil travessia, abriu passagens inúmeras e vislumbrou as regiões distantes.
- (6) Caminhos apertados, impraticáveis, cuja situação era calamitosa, atravessou uma e outra vez, e uma e outra vez cruzou ele as águas dos canais.»
- 9 «Gilgameš was his name from the day he was born» (George 2003: 541); «‘Gilgamesch’ ist er seit dem Tage, da er geboren, mit Namen genannt» (Maul: 47); «Gilgameš was summoned by name from the very day of his birth» (Tigay: 142); «Gilgameš, dont le nom fut prononcé dès le jour de sa naissance» (Tournay, Shaffer: 44-5, com nota explicativa: «Son nom fut prononcé par les dieux qui fixèrent ainsi sa destine. Le theme est bien attesté pour les rois mésopotamiens»). O acto de nomear parece caber nas prerrogativas dos deuses e decerto significará para o nomeado uma conformação de destino ou, senão, uma fixação de qualidades distintivas. Para a discussão do significado do nome, cf., sobretudo, George 2003: 84 ss.; Nurullin: 2012a.
- 10 A «vara» ou «cana» (em acádio assírio, *qana*) equivale a cerca de seis metros.
- 11 As dez linhas precedentes reproduzem a reconstrução de Maul (2005: 59) da passagem fragmentária 53-55 e lacuna 56-59 da edição crítica, fundada num manuscrito não editado de Aššur e confirmada, entretanto, pelas variantes de *Ugar 1*. Compare-se *infra* a descrição de Enkidu.
- 12 As duas últimas linhas suplementadas por *Ugar 1*, 13-4.
- 13 Sobre o local de nascimento de Enkidu, v. nota suplementar 1.
- 14 Lit.: «rijos como Nisabal» (deus das colheitas).
- 15 Lit.: «hirsuto como Sakkan» (deus dos animais).
- 16 A primeira das duas fórmulas literárias utilizadas no épico para introdução do discurso directo: [A] *pāšu ipūšamma iqabbi izzakkara ana* [B].
- 17 *kima kisrū*: «massa / volume dos céus». Em *Penn*, na passagem paralela: *kisru šá Anim*, «massa / volume de Anu». A expressão parece designar o meteorito, que cai do reino de Anu. A relação estabelecida não será arbitrária: Aruru, ao modelar e precipitar nas vastidões a bola de argila de que se origina Enkidu, terá tido em mente a forma do meteorito de Anu; Enkidu, por seu lado, conserva a força original

- dessa criação. A expressão parece, por outro lado, anexar-se à especulação etimológica cara aos escribas babilônicos; com efeito, *kisru* ecoa o *zikeru*, o «par» de Gilgameš que Aruru deve criar. A metáfora, que o redactor aplica indiscriminadamente a Enkidu e a Gilgameš, é materializada no primeiro sonho de Gilgameš, *infra*. V. nota suplementar 2.
- 18 A segunda fórmula utilizada no épico para introdução do discurso directo: [A] *ana šásuma izzakkara ana* [B].
- 19 «Filho da natureza»: *lúllu amelu* (a que o escriba agrega o sumerograma LÚ), lit. «homem primordial». A criação de Enkidu está modelada nas tradições sumero-babilônicas relativas à criação e natureza da humanidade primordial. Como qualificativo de «homem» (*amelu*), *lúllu* «aparece no acádio quase exclusivamente para referir o homem no contexto da sua criação original. E, com efeito, a literatura mesopotâmica descreve a vida do homem primordial como semelhante à dos animais» (Tigay: 202). A mais antiga ilustração daquelas tradições é um texto sumério conhecido como *Apólogo do Gado e do Grão*, em que a descrição de Enkidu parece modelar-se (cf. Alster, Vanstiphout: 26 ss): «Os homens daquele tempo [i.e., o tempo primordial] / nada sabiam de comer pão / nada sabiam de vestimentas / andavam sem rumo, cobertos de peles, / comiam erva com a boca, como as ovelhas, / bebiam água dos charcos». («Os homens daquele tempo» rende aqui o mesmo sumerograma LÚ sufixado, com valor explicativo, ao acádio *lúllu amelu*).
- 20 Padrão estilístico que se repetirá em três outras ocasiões: no tempo de retenção do cadáver de Enkidu, na duração do Dilúvio e no desafio do sono lançado por Uta-napišti. A sequência numérica  $x / x+1$  constitui um padrão bem identificado na literatura do Próximo Oriente (cf. West: 259-61); de que a relação seis / sete é, na literatura babilônica, a instância rotineira. Os manuscritos AB ignoram ou omitem ainda este dispositivo (cf. *infra* Tábua II, suplemento Penn, 46).
- 21 *ina šât mušítia*: «nesta minha noite» ou «no decurso desta minha noite», idioma que também ocorre em *Penn* e *Yale*.
- 22 Seguimos aqui a lição de Tigay: 86.
- 23 Sobre os sonhos que antecipam o advento de Enkidu, v. nota suplementar 2.